



Interassistência Extrafísica

Interasistencia Extrafísica

Extraphysical Inter Assistance

01. **Autopesquisador:** André Petry Gonçalves.
02. **Data e horário:** dia 26 de junho de 2012.
03. **Local:** quarto de dormir, abraçado à companheira, no bairro Pacaembu, em São Paulo – SP, Brasil.
04. **Condições meteorológicas:** não disponível.
05. **Contexto:** *no dia anterior ocorrera um fenômeno novo e surpreendente, o qual tomou minha atenção por completo. Ainda sentia a aura deste primeiro acontecimento. Não obstante, perto da hora de dormir fui tomado por súbita e grande tranquilidade, que vinha com o pensamento de relaxar e deixar acontecer. Assim o fiz, eliminando os conflitos, e adormeci, tendo vivenciado a projeção descrita abaixo.*
06. **Escala de lucidez:** 60%.
07. **Palavras chave:** assistência, comunicação, informação e paraturismo.
08. **Foco de Pesquisa:** Assistenciologia.
09. **Título:** Interassistência Extrafísica.

10. AUTOEXPERIMENTO:

Ainda sem lucidez, dirigia um carro junto a três familiares, rumo a local desconhecido. Em determinado momento, deixamos o veículo, ao entrar em grande cemitério, o qual percorremos a pé.

Era local turístico, dividido em quatro grandes ruas. A construção era imponente e bela, em tom esverdeado vivo. Havia televisões antigas nos saguões compondo instalações artísticas de apreciação individual. Compondo a aparência de local histórico ou museu, também havia muitas pessoas disponíveis para auxiliar os visitantes.

A princípio senti incômodo em estar no cemitério, mas logo a sensação se transformou no deslumbramento causado pela construção. Falei para quem estava comigo: “nunca vi um cemitério tão bonito”.

Sentia-me bem. Perguntei-me se não faria algumas iscagens por ali, mas não percebi nada em relação a isto. Pensei: “ah, claro, os centros das cidades são muito mais repletos de consciexes enfermas”. E segui caminhando, em busca de uma saída.

Embora tenha perguntado, não me recordo o nome do arquiteto responsável pelo local. Já na porta de saída, o guia apontou outro homem de cavanhaque, dizendo serem parecidos.

Andei sozinho, durante um período, até encontrar novo acompanhante. Ele tinha a fisionomia de um antigo amigo da cidade natal. Ele me acompanhou até encontrarmos a saída. Alcançamos o mesmo carro de antes, agora do outro lado. Ele começou a fazer brincadeiras, atrasando nossa partida, causando-me irritação.

O sentimento aversivo aumentou minha lucidez e eu desisti de corrigir o companheiro; saí do carro, tomei impulso e volitei baixo para longe dali.

Não conseguia levantar voo alto, parecia haver grande força me empurrando para baixo. Pensei estar em local mais denso. Segui volitando pela rua, margeando o cemitério pelo lado de fora, até encontrar uma grade.

No percurso até a grade, duas crianças passaram a me seguir, conversando comigo. Um menino falou: “como você consegue fazer isso?” Eu respondi: “você também pode, olha...” e toquei seu ombro ajudando-o a alçar voo junto comigo. Seguimos volitando em frente.

Ao encontrarmos tamanho obstáculo – a grade era grande a perder-se de vista – as crianças foram logo escalando. Eu subi também, tencionando transpor para o outro lado. Ao chegar no topo da grade, dois jovens se aproximaram tentando me impedir. Eles balançaram a grade fortemente, tentando causar medo. Não tiveram sucesso, pois saltei e saí voando até o fim da rua, junto às crianças, que logo desapareceram.

Entrei numa espécie de estábulo, muito grande e bem iluminado, onde havia cerca de vinte pessoas, todas adultas. Fizemos as saudações e eu fui logo reunindo todos, seguindo a intuição de falar a todos ao mesmo tempo.

Com a intenção de esclarecer, comecei falando sobre o ciclo da vida: “a gente nasce, vive e depois dессoma, mas isso não é o fim; prova disso é que estamos aqui agora”. Alguns dispersaram, desinteressados, outros demonstraram certo receio em tocar no assunto. Insisti no esclarecimento até completar a informação.

Já com o grupo disperso dentro do local, continuei com a atenção visual de alguns poucos: “e tem mais, eu que estou aqui com vocês nesse momento, ainda faço parte do mundo de lá”. Ao dizê-lo, reconquistei o interesse da maioria. Juntaram-se à minha volta e eu segui explicando sobre o holossoma e a projeção consciente.

Findados os discursos, começamos a conversar amistosamente. Todos pareciam saber da condição extrafísica do grupo, embora alguns demonstrassem certo receio em aceitá-la, sobretudo duas ou três mulheres.

Pensando no relato, pedi algumas informações sobre o local onde estávamos, mas não consegui rememorar no retorno ao soma. Demos algumas risadas falando sobre as paracidades e eu falei sobre o deslumbramento causado pelo cemitério - sentimento compartilhado também por eles.

Deixei o grupo com quem conversa, dirigindo-me a todos: “e então gente, vocês querem saber do mundo? Querem saber como anda lá fora?”, responderam afirmativamente, e eu contei: “o mundo mudou muito, agora nós temos grandes máquinas, e outras pequenas que cabem no bolso...”. Uma menina completou meu pensamento falando sobre os portáteis, demonstrando sua recente dessoma. Logo terminei essa conversa.

Estava no meio do estábulo falando a todos sobre as mudanças do mundo, quando uma mulher chegou a mim falando algo parecido com: “eu quero saber por que eles deixam a gente em camas, deitados, morrendo por causa de uma perna, apenas tratando a perna, se a gente depois continua...”. Expliquei que a medicina tinha falhas, mas era papel dela cuidar do soma. A consciex, de aspecto andrógeno, falou: “então se trata disso, de medicina? Mas como é que podemos fazer alguma coisa... é só isso?”. E começou a chorar.

Nossa conversa chamou novamente a atenção de todos, que passaram a acompanhar. Quando ele/ela começou a chorar, botei a mão esquerda no seu peito, exteriorizando energias. Falei: “você não precisa chorar, não há emoção, apenas lógica. Se você quer fazer alguma coisa, faça pelos outros, assista aos outros. Você vai agora se recuperar, e quando melhorar lembre-se disto, dedique suas energias para ajudar aos outros. Será assim que faremos alguma coisa”.

Ao colocar a mão na região do cardiochakra da consciex, ela parou de chorar. Meu braço passou a se mover espontaneamente, percorrendo alguns pontos do seu tronco enquanto eu falava, em tom seco e afirmativo. A mão parou na região da lombar, quando percebi se instalar intensa vibração no psicossoma dela. Ela pareceu entrar em estado alterado, pois sua aura e face clarearam. Ela olhava um pouco para cima, demonstrando sentir a vibração, quando falou: “posso levar também Si e Jo?”. Não recordo os nomes, mas era um casal de amigos próximos. Não entendi o que dizia. Em meu pensamento surgiu a ideia de os amparadores estarem prontos para resgatá-la.

Quando terminei a ação com a consciex, virei ao centro do lugar, e vi que todos estavam saindo pela porta da frente, tomando a rua por onde eu chegara. Não os vi mais. Tive uma queda brusca de lucidez e após algumas ocorrências de semiconsciência, retornei ao soma.

Para minha surpresa, ao adentrar o soma, às 06h45, encontrei-me deitado de lado, abraçado à companheira do lado esquerdo.

11. SÍNTESE DO EXPERIMENTO:

O projetor visitou ambiente extrafísico impactante, fez contatos extrafísicos assistenciais para si e realizou tentativa de assistência pontual a um grupo de consciexes.

12. DISCUSSÃO DAS VIVÊNCIAS:

12.1. **Superação.** O tema da assistência pode ser observado, a partir do experimento, já na vigília física anterior, em relação a superação de dificuldade específica do autor.

Observação. A observação, contudo, deve se remontar aos anos pertinentes à infância do autor.

Trauma. Por volta dos 9 anos, teve um trauma parapsíquico, decorrente da ida ao velório de uma pessoa importante.

Contato. Após a ocasião, durante noites a fio, teve contato com a consciex recém dessomada, a qual demonstrava estar ainda presa ao soma.

Repulsa. A partir de então, passou a nutrir grande repulsa por cemitérios e velórios.

Superação. Não obstante, o mecanismo assistencial, neste caso protagonizado por consciexes bem intencionadas, se faz preponderante, possibilitando a superação das dificuldades.

Enfrentamento. A exemplo do explicitado no relato, tornaram-se comuns as projeções em cemitérios, onde o autor tem a oportunidade de enfrentar os medos pessoais (ser assistido) e ao mesmo tempo fazer assistência.

12.2. Turismo Extrafísico. Para o autor, o autoexperimento serve enquanto chancela da existência do turismo extrafísico.

Repetição. Em repetidos experimentos pode visitar ambientes organizados, onde se explicitava a presença de possíveis frentes, tais como: pararquitectura, parapaisagismo ou mesmo arte extrafísica.

Variações. Os ambientes variaram desde naturais (por vezes paradisíacos), até construções de vanguarda, com fortes aspectos tecnológicos.

Morfologia. As dimensões extrafísicas, de caráter predominantemente consciencial (VIEIRA, 2004), comportam capacidade extraordinária para a moldagem de sua morfologia.

Arte. Em hipótese, se é possível moldar a matéria extrafísica a partir da pensenidade (morfopenses), esta deve ser a melhor forma de se produzir arte.

Instrumento. Ao mesmo tempo, a plasticidade artística pode servir enquanto instrumento assistencial, semelhante ao ocorrido no intrafísico.

Ações. Eis, em ordem alfabética, 5 ações assistenciais, causadas pelo contato da conscin ou da consciex, com ambiente paraturístico:

- a) **Cosmovisão:** ampliação da *mundividência* a partir da criação de neossinapses.
- b) **Dicionário:** ampliação dos dicionários paraimagético e paraimagístico.
- c) **Escala:** ampliação da *escala de observação da conscin projetada* (VIEIRA, 2009, p. 567), no caso das conscins.
- d) **Pensenidade:** mudança de bloco pensênico.
- e) **Relaxamento:** desenlace emocional de conflitos íntimos.

Indagação. No contexto do autoexperimento é importante indagar: será por acaso a escolha do cemitério enquanto local turístico na paratroposfera extrafísica, um local marcado pela dificuldade em relação a dessoma?

12.3. Paratroposfera. Continuando a lógica do item anterior, pode-se afirmar, a partir do turismo extrafísico, a realidade paratroposférica do ambiente visitado. Isto se deve às seguintes análises:

- a) **Cemitério:** a presença do cemitério, um local com a finalidade de encerrar cadáveres, indica a proximidade com a dimensão intrafísica.

b) **Turismo:** a presença do elemento terapêutico (aqui assumido como o paraturismo) indica, igualmente, a presença de consciências convalescentes.

c) **Assistência:** a posterior assistência prestada às consciências com franca característica parapsicótica indica um ambiente igualmente patológico.

12.4. **Lucidez.** Paradoxalmente, percebe-se um aumento da lucidez extrafísica do autor decorrendo de sentimento aversivo.

Contrário. Embora a irritação costume baixar a criticidade e a autoconsciência durante o experimento, no caso específico gerou o seu aumento.

Proposital. É possível questionar se a brincadeira feita pela consciência não foi uma forma de causar justamente este efeito no autor.

Assistenciologia. No âmbito da Assistenciologia, o primeiro assistido é sempre o assistente.

Projeciologia. No âmbito da Projeciologia, o primeiro assistido é sempre o projetor.

Consequências. O aumento da lucidez extrafísica tem por consequência a melhoria do desempenho da consciência projetada tanto para a autopesquisa quanto para a assistência às demais consciências.

12.5. **Volitação.** A volitação, uma particularidade das dimensões extrafísicas, é um dos principais instrumentos de assistência extrafísica, sobretudo a partir das seguintes ocorrências:

a) **Conscin:** ao encontrar outra consciência projetada sem lucidez, o projetor lúcido pode utilizar a volitação enquanto técnica de despertar extrafísico.

b) **Consciência:** ao abordar consciências parapsicóticas, a exemplo do relatado, o projetor pode promover a volitação conjunta, explicitando o mecanismo próprio do psicossoma (VIEIRA, 2009).

c) **Ambas:** pode também utilizar o recurso com ambas as consciências, intra e extrafísicas, para demonstração (elemento didático).

12.6. **Assediadores:** quando a consciência visita ambientes extrafísicos patológicos, é natural encontrar dentre os presentes, consciências um pouco mais lúcidas mas com franca intencionalidade assediadora.

Encontros. O desenvolvimento da assistência extrafísica passa pelo encontro cara-a-cara com assediadores, inevitavelmente.

Aprendizado. O projetor aprende então a não responder as investidas agressivas com mais agressividade, muitas vezes até mesmo acolhendo a consciência agressora.

Cuidado. Não obstante, no autoexperimento talvez tenha faltado ao autor maior cuidado e observação do *modus operandi*.

Percepção. Poderia ter percebido, por exemplo, a condição não volitiva das consciências presentes.

Atenção. Seu comportamento desinibido, ao volitar livremente, talvez tenha chamado atenção desnecessária, inclusive dos assediadores locais.

Replicação. Tal acontecimento foi replicado em experimentos anteriores, em alguns deles sucedendo o retorno ao soma, em fuga dos assediadores.

Responsabilidade. Ao projetor assistente cumpre, antes de tudo, ser responsável com a própria segurança e com a segurança dos assistidos.

12.7. Intuição. É recorrente para o autor, em projeções tal qual a relatada, a ocorrência da intuição direcionando a ação assistencial.

Certeza. Normalmente, ao se projetar, não tem certeza da tarefa a ser desempenhada, mas ao encontrar a ou as consciências alvo, subitamente sabe como fazer a abordagem.

Eficiência. A forma de comunicação usada, de discurso, tem se mostrado muito eficaz, pois as consciências interessadas acompanham o raciocínio e normalmente mudam de dimensão.

Resgate. É quando os amparadores aparecem de modo mais incisivo, fazendo o resgate interdimensional.

Desinteressados. As consciências desinteressadas, por sua vez, simplesmente não dão ouvidos, optando manter a condição atual.

Padrão. Contudo, o autor também percebe uma característica padrão nos grupos abordados com esta técnica: costumam ser grupos de consciências cientes da condição pessoal *post mortem*, mas renitentes quanto a seguir em frente, segurando-se nas proximidades da dimensão intrafísica.

12.8. Temática. Dentre as temáticas conscienciais utilizadas no esclarecimento extrafísico, a mais impactante, na experiência do autor, tem sido a projeção consciente.

Aceitação. Deveras, para muitas consciências recém dessoradas, é extremamente difícil aceitar a nova condição.

Ciclo. Falar a elas sobre o ciclo existencial pode não suscitar ainda o desejado impacto cognitivo.

Surpresa. A surpresa maior costuma vir quando ela descobre a capacidade, não reconhecida ou inutilizada durante a vida, de se relacionar com a realidade multidimensional.

Investimento. É possível afirmar: uma boa forma de evitar a melex, ou o *cotoveloma* extrafísico, é investir, enquanto se pode, na projetabilidade lúcida.

12.9. Limites. A cosmoética empregada no auxílio a outrem é exercida através de linha tênue entre adequação e inadequação.

Ajudar. Ajudar de fato uma pessoa é algo muito difícil.

Cuidado. Sem o devido cuidado e autocritica do assistente, a ação assistencial pode redundar em estupro evolutivo ou enorme desperdício de energias.

Testagem. O autoexperimento é exemplo de tentativa de assistência, onde o autor teve a oportunidade de testar estes limites.

Risco. Sua iniciativa foi arriscada, por se tratar da oratória para grande grupo.

Número. Quanto maior o número de interlocutores, mais difícil será respeitar os limites individuais de cada um.

Afinidade. Ao mesmo tempo, o ambiente extrafísico é formado pela afinidade consciencial, nos permitindo compreendê-lo na qualidade de agregador grupocármico.

Nivelamento. Ou seja, havia certo nivelamento cognitivo e consciencial entre os presentes, possibilitando a abordagem em grupo.

Equipex. O limite interassistencial é observado primeiramente pela equipe extrafísica, acompanhando o experimento à distância.

Orientação. Em vivências como a relatada, normalmente o projetor atua sob orientação, desempenhando determinada função previamente estabelecida.

Erro. Isto não impede seu possível erro.

Amparador. Cumpre ao amparador, diferentemente do guia amaurótico, respeitar a possibilidade de erro da conscin.

Compreensão. Esta compreensão é, antes de tudo, um olhar cuidadoso para o limite do seu primeiro assistido, neste caso a conscin projetada.

Observação. Quando o projetor está diante dos assistidos, deve observar 3 tipos de limites assistenciais:

- a) **Auto:** os próprios limites, respeitando o próprio código pessoal de cosmoética.
- b) **Interlocutor:** o limite da consciex com quem dialoga.
- c) **Ouvintes:** o limite das consciências presentes, participando enquanto ouvintes do esclarecimento.

Interdisciplinaridade. A partir da interdisciplinaridade da Assistenciologia, podemos elencar 3 principais ciências afins ao tema, possíveis de guiar a conduta do projetor na consideração e respeito aos limites alheios:

- a) **Cosmoética:** a manutenção da ortopráxis exemplarista e da ortoconvivialidade.
- b) **Paradireitologia:** a assunção do paradever pessoal e a preservação insofismável dos paradiireitos alheios.
- c) **Paradiplomacia:** a observação do *modus operandi* parassocial e a aplicação lúcida da parapolítica para o bem de todos.

Suma. Em suma, conforme propõe Balona (VIEIRA, 2012): “assistência tem limite”.

12.10. **Atualização.** O recurso utilizado de atualização das informações intrafísicas não tem qualquer origem ou causa identificáveis no experimento.

Projeciocrítica. O autor confessa não saber o porquê de ter feito tais comentários, mas a presente projeciocrítica o lembrou do ocorrido, levantando novo interesse no tema.

Futuro. Cumpre identificar, em projeções futuras, a eficácia de se apresentar atualizações acerca da dimensão Intrafísica às consciexes parapatológicas.

12.11. **Aspecto Psicológico.** Para a conscin recém dessorada, quando finda uma vida sem ter feito mínimo contato com a multidimensionalidade, é possível ocorrer uma reação inicial de revolta em relação aos parafatos.

Indignação. Não raro, ao conversar com o projetor, a consciex demonstra indignação, como se tivesse sido traída.

Continuidade. Desfeito o véu da intrafísica, se depara com uma realidade além, onde, dentre outras responsabilidades evolutivas, necessita continuar dando conta de suas próprias dificuldades conscienciais.

Sobrevivência. Para quem vive pensando na morte enquanto “fim da história”, a sobrevivência da consciência pode resultar em grande decepção.

“Término”. No momento “X”, na hora “H”, no cabo da existência humana prevista pela ciência convencional, a realidade se transfigura em uma infinidade de novos momentos, referências, lugares e estágios de desenvolvimento.

Assistência. Os aspectos psicológicos associados ao impacto devem ter o olhar compreensivo e cuidadoso do projetor assistente.

Exemplo. No relato há um exemplo desta reação, quando a conscin se revolta com a medicina por ter cuidado apenas do seu soma, e não da sua consciência.

12.12. **Acoplamento.** É recorrente, durante a exteriorização de energias assistenciais, no Extrafísico, o acoplamento mais intenso com amparador de função.

Psicofonia. Algumas vezes pode mesmo ocorrer a semipossessão psicofônica, quando o amparador, em outra dimensão, conversa diretamente com a consciex assistida.

Parcial. Contudo, o mais comum são semipossessões de membros específicos, a exemplo das mãos e braços do psicossoma, conforme exemplo do relato:

Ao colocar a mão na região do cardiochakra da consciex, ela parou de chorar. Meu braço passou a se mover espontaneamente, percorrendo alguns pontos do seu tronco enquanto eu falava, em tom seco e afirmativo.

Interação. A partir do fenômeno ocorre a interação mais ombro-a-ombro com a consciex superintendente, resultando em laboratório mais profundo, para a conscin projetada, e assistência mais eficaz.

12.13. **Resultados.** A fim de analisar os resultados da projeção assistencial, importa analisar as seguintes questões acerca do relatado:

a) **Intrusão:** a intrusão energética feita na consciex, resultando na mudança de sua parafisionomia, foi de fato eficaz? A percepção de estarem os amparadores prontos ao seu resgate procede?

b) **Saída:** o comportamento das consciexes, saindo em grupo do ambiente, representa algum tipo de libertação íntima ou mudança? A comunicação realizada surtiu efeito no todo, ou apenas na consciex de aspecto andrógeno?

Respostas. Parece ser comum, em projeções assistenciais, não haver respostas quanto aos resultados.

Acabativa. O projetor participa de parte do processo assistencial, retornando ao soma antes da acabativa, feita pelas consciexes amparadoras.

Característica. O autor percebeu a seguinte característica: cumpre ao projetor, normalmente, fazer a abordagem inicial, causando o primeiro impacto ou as primeiras dúvidas no parapsicótico.

Acolhimento. Em alguns contextos poderá também fazer a acolhida do recém dessomado ou da consciex resgatada da baratrofera, a partir de conversas amistosas ou passeios volitativos.

Encaminhamento. Contudo, o encaminhamento costuma ser feito pelas equipes superintendentes do processo.

Desenvolvimento. Cumpre desejar “que aconteça o melhor para todos” e manter o desenvolvimento técnico da projeção consciente e da assistência extrafísica, desejando qualificar cada vez mais a ajuda ao outro.

13. FATORES FACILITADORES:

13.1. **Fenômeno.** Os fenômenos de ectoplastia ocorridos na noite anterior ajudaram a sedimentar o holopensene do parapsiquismo, possibilitando ao autor maior rapport com a prática projetiva.

13.2. **Contatos.** Os contatos extrafísicos feitos, sobretudo antes de chegar ao galpão, auxiliaram na manutenção do período extrafísico, por manter o interesse e a atenção do projetor.

13.3. **Amparadores.** A presença de consciexes amparadoras em dimensões mais sutis, facilitaram a assistência, sobretudo a partir da semipossessão durante a exteriorização das energias.

13.4. **Lastro.** O lastro do psicossoma ajudou na exteriorização das energias densas, qualificando a assistência prestada.

14. FATORES INIBIDORES:

14.1. **Lastro.** O lastro do psicossoma atrapalhou a volitação durante o experimento, tornando o veículo mais pesado.

15. CONCLUSÃO:

Pararrealidade. A dimensão extrafísica, representando a realidade evolutiva do nosso planeta, abriga um enorme hospital, dividido em infinitas dimensões conscienciais a serem descobertas, amparadas e reurbanizadas.

Legiões. Ao sair do corpo, a conscin pode atestar a existência de legiões de consciências parapsicóticas, cuja cognição foi insulada em parâmetros intrafísicalistas.

Responsabilidade. Ser projetor consciente subentende, portanto, uma responsabilidade a respeito da aplicabilidade assistencial do fenômeno.

Porquê. Se você se projeta, existe um porquê. Ninguém visita um hospital cotidianamente sem fazer assistência.

Assistência. A projeção consciente é instrumento fundamental da Assistenciologia, profissionalizando a conscin e aumentando sua abrangência assistencial, grupo e policármica.

16. REFERÊNCIAS:

16.1. VIEIRA, Waldo; Limite Interassistencial; BALONA, Malu; *Limite do Assistido*; verbete; In: VIERIA, Waldo (org.); *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica*; 7ª Ed.; Associação Internacional Editares; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR, 2012; páginas 6.581.

16.2. IDEM; *Homo Sapiens Reurbanisatus*; 1ª Ed.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR, 2004. p. 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 171.

16.3. IDEM; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo*; 10ª Ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR, 2009; p. 289, 290, 291, 292, 567, 568, 569, 570 e 571.

André Petry Gonçalves, Assistente Administrativo Financeiro e Educador. Acadêmico de Psicologia. Voluntário do Instituto de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC – São Paulo) desde 2011, professor de Conscienciologia desde 2015 e tenepessista desde 2012, atualmente voluntário do Técnico Científico.

E-mail: andrepetry@gmail.com